

## VIDA DA SALA DE AULA

Carmem Jecy Barros

Richard

Richard: “Profi, eu tenho um casaco de educação física!”

Eu: “Uau, que legal! Eu não conheço este casaco, deixa-me ver?”

O Richard abriu um largo sorriso, mostrando a sua vasta dentadura infantil com um gesto de alegria, virou-se para a sua mochila que jazia pendurada na sua cadeirinha, abriu-a mostrando habilidade com seu dedinhos fofinhos que exibiam o seu perfil rechonchudo. Trouxe à tona um casaquinho esportivo de moletom. A estagiária da turma, curiosamente pediu ao guri para ver o tal casaco, pois sanaria a vontade da futura docente em conhecer o dito cujo. Neste momento, Richard ficou tímido e com receio de repetir o gesto, quase não conseguiu tal façanha. A aprendiz da educação entendeu a situação e mesmo sem ter visto o motivo da tamanha alegria, ela demonstrou encantamento com o casaco de educação física do aluno Richard.

Mariana

Eu, sentada no meu trono escolar, em uma sala de pequeninos, fazia a rotineira chamada, todos sentados. Entre os gritos de “presente e ausente”, a aluna Mariana levantou de seu lugar e lentamente aproximou-se de mim. Percebi que olhava insistentemente para algo em minha cabeça. Não entendendo aquele motivo, virei para trás para poder enxergar o meu reflexo no espelho que estava ali pendurado. Perguntei: “O que foi Mariana, é o meu cabelo branco?” A aluna, que já estava sentada em meu colo deu um salto, afastando-se de mim andando de costas, para os colegas, perguntou baixinho, com a sinceridade que é muito peculiar entre as crianças: “Profi, tu está ficando velha?” Uma pergunta sincera merece uma resposta a altura, ou ofertando o silêncio, admitindo as “falas” do espelho. A aluna

continuou andando de costas me olhando fixamente, demonstrando toda a sua decepção com os meus ralos cabelos brancos.

### Maria Eduarda

Logo depois do sinal de entrada, eu me juntei à turminha convocando a todos para deixarem seus pertences sobre um banco que se localizava perto da área que iríamos utilizar para as nossas atividades de educação física. Entreguei para cada aluno um arco cujo desafio era a criatividade para explorar tal objeto. Notei que a aluna Maria Eduarda ficou paralisada com o arco na mão e olhava com insistência para trás, onde ainda estavam alguns pais que tentavam bisbilhotar seus filhos em aula. Disse: “Vem Maria Eduarda, demonstra o que tu sabes fazer!” ela na tentativa de não olhar para trás disse: “Estou com vergonha!” insisti: “Venha para cá!” ela correu para junto dos colegas como se estivesse fugindo de algo... Estava apenas fugindo dos olhos de uma mãe que ficou na esperança de ser uma expectadora feliz.

### Diego

Tudo normal ser chamado pelo seu nome ou apelido. Mas o aluno Diego com apelido “Maiquinho”, chamou-me a atenção. Logo que terminei a chamada e fiz a distribuição do material (na ocasião eram cordas) cada aluno receberia um aparelho para a atividade proposta. Eu me aproximei do aluno Diego e perguntei o porquê do apelido “Maiquinho”, porém a explicação não era necessária, pois já no começo de sua verbalização ele repetiu: “Maiqui, maiqui, maiqui” com isto, minha curiosidade foi suplantada.

### Carlos Henrique

No começo da aula eu questionava os alunos quanto à data. E na discussão surgiu a data de nascimento e a idade dos alunos, dando início a uma competição de idades até que eles chegaram à conclusão de que a maioria tinha entre 6 e 7

anos. O aluno Carlos Henrique, o mais espoleta da aula, cheio de idéias e habilidades motoras me questionou: “Profi, quantos anos tu tens?” eu respondi perguntando o quanto ele acreditava que eu deveria ter, sabendo que eu sou uma pessoa adulta. Ele respondeu com muita convicção que eu deveria ter 12 anos e sob o protesto de alguns ele interpelou, com uma carinha cheia de curiosidade: “Diz logo profi!” eu respondi como muita propriedade: “Eu tenho 49 anos!” o Carlos Henrique soltou um sonoro “Poh, a mais velha do colégio” e uma aluna disse: “Não, a minha vó que é mais velhinha ela tem 50 anos!”

Faltou luz ou foi um blecaute?

No dia seguinte, eu em meio à escuridão das 5h30 da manhã e para completar havia faltado luz, coloco os meus habituais brincos, pois sem eles é como se eu estivesse sem uma peça de roupa. Já na escola, depois de uma aula de educação física com os alunos suados e felizes se dirigindo ao banheiro e bebedouro, percebo uma aluna que passou a maior parte do tempo de aula me observando sempre com uma carinha interrogativa... Fiquei quieta, não perguntei nada, pois de tantos anos trabalhando com crianças sei que é melhor deixar quieto quem está quieto... Quando juntava o material que utilizei para a realização das atividades com os pequenos discentes, vejo a mesma aluna que outrora me fitava do meu lado. Ela me puxou pela camiseta e me fez uma pergunta: “Profi, porque tu estás usando um brinco tão diferente do outro?!”. Foi um blecaute!